

## Espécies recomendadas para a restauração da Mata Atlântica

Resumo do texto: KALIL FILHO N.A. et al. Espécies recomendadas para a restauração da Mata Atlântica. In: GALVÃO A.P.M. & MEDEIROS A.C.S. (eds). **Restauração da Mata Atlântica em áreas de sua primitiva ocorrência natural**. Embrapa, Colombo PR. 2002.

As espécies listadas abaixo são recomendadas para a restauração da Mata Atlântica por especialistas da área. Um número maior de espécies poderia ter sido descrito, mas optou-se por aquelas que reconhecidamente apresentam maior facilidade para a produção de mudas e bom crescimento em plantios de campo.

| NOME VULGAR E CIENTÍFICO                           | ASPECTOS ECOLÓGICOS  |
|--|--|
| Aleluia<br><i>Senna multijuga</i>                  | Pioneira de grande agressividade; longevidade moderada; apresenta boa disposição de folheto dificultando o aparecimento de gramíneas invasoras; é muito procurada por tatus que fazem buracos na base do tronco. |
| Araribá amarelo<br><i>Centropogon microchaete</i>  | Secundária inicial; é bastante freqüente em capoeirões de solo úmido; pode formar agrupamentos densos ao longo de rios e riachos.  |
| Baguaçu<br><i>Talauma ovata</i>                    | Secundária tardia; ocorre na floresta densa e úmida; não tolera frio.  |
| Boleira<br><i>Joannesia princeps</i>               | Secundária inicial; não tolera frio.   |
| Cedro<br><i>Cedrela fissilis</i>                   | Secundária tardia; apresenta baixa densidade na floresta; visitada por abelhas.  |
| Corticeira do banhado<br><i>Erythrina speciosa</i> | Secundária inicial; ocorre em terrenos muito úmidos e brejosos; apresenta dispersão uniforme com freqüência moderada; visitada por abelhas.  |
| Cupiúva<br><i>Tapirira guianensis</i>              | Secundária inicial; encontrada em solos úmidos de várzea (onde apresenta melhor desenvolvimento) e em ambientes secos de encosta.  |
| Embaúba vermelha<br><i>Cecropia glaziovii</i>      | Pioneira; não tolera frio; visitada por abelhas e aves.  |
| Jequitibá branco<br><i>Cariniana estrellensis</i>  | Secundária tardia; apresenta grande longevidade; compõe as florestas clímax; não tolera frio.  |
| Guanandi<br><i>Celophyllum brasiliense</i>         | Clímax; ocorre em áreas úmidas ou alagadas (onde aparece em freqüência muito alta) e às margens dos rios, geralmente em terrenos arenosos; apresenta regeneração abundante na sombra; não tolera frio.           |
| Guapuruvu<br><i>Schizolobium parahyba</i>          | Secundária inicial; não longa; pode formar agrupamentos densos em clareiras florestais; é rara na floresta alta e densa; não tolera frio; visitada por abelhas.  |
| Guaricica<br><i>Vochisia bifalcata</i>             | Secundária inicial; abundante e freqüente na Floresta Atlântica; não tolera frio.  |
| Inga macaco<br><i>Inga sessilis</i>                | Secundária inicial; típica de florestas ciliares; não tolera frio.   |
| Ipê da várzea<br><i>Tabebuia umbellata</i>         | Secundária tardia; ocorre em planícies e várzeas úmidas ou mesmo encharcadas onde é espécie freqüente;   |

|  |   |
|--|---|
|  | visitada pela abelha mirim-preguiça.  |
| Jacarandá da bahia<br><i>Dalbergia nigra</i>         | Secundária tardia; ocorre em densidade inferior a um adulto por hectare; não tolera frio.   |
| Jacarandá lombriga<br><i>Andira anthelmia</i>        | Secundária tardia; visitada pela abelha jataí.  |
| Jacataúva<br><i>Cytharexylum mirianthum</i>          | Secundária inicial; freqüente em várzeas e planícies que se transformam temporariamente em charcos; freqüência de 7 a 15 árvores por hectare; não tolera frio; visitada por aves; flores nectaríferas.        |
| Jacatirão de copada<br><i>Miconia cinnamomifolia</i> | Secundária inicial; ocorre em encostas enxutas e íngremes, principalmente em altitudes superiores a 200m; não tolera frio; visitada por espécies de abelhas sem ferrão.                                       |
| Licurana<br><i>Hyeronima alchorneoides</i>           | Secundária inicial; presença comum nas matas litorâneas; freqüente em solos pedregosos, em aclives fortes e em certos estágios de capoeiras e capoeirões pode se tornar uma das árvores dominantes.           |
| Louro pardo<br><i>Cordia trichotoma</i>              | Secundária inicial; longeva; na floresta apresenta densidade de 5 a 23 indivíduos por hectare; tolera sombreamento médio quando jovem.  |
| Mandiocão<br><i>Schefflera morototoni</i>            | Secundária inicial; longevidade de 35 a 50 anos; na floresta apresenta densidade de 1 a 14 indivíduos por hectare.  |
| Maricá<br><i>Mimosa bimucronata</i>                  | Pioneira; longevidade de 20 a 30 anos; forma agrupamentos densos em solos úmidos e brejosos, em terrenos mal drenados, em afloramentos de rochas e terrenos pedregosos de basalto; visitada por abelhas.      |
| Palmitreiro<br><i>Euterpe edulis</i>                 | Clímax; apresenta grande freqüência e densidade, exceto em formações secundárias; apresenta maior concentração onde a presença de água é acentuada; não tolera frio; visitada por aves, roedores e mamíferos. |
| Pau jacaré<br><i>Piptadenia gonoacantha</i>          | Secundária inicial; espécie tipicamente gregária; não tolera frio; visitada por várias espécies de abelhas.   |
| Pau sangue<br><i>Pterocarpus violaceus</i>           | Secundária tardia; encontrada em floresta primária densa e em formações secundárias.  |
| Tapiá<br><i>Alchornea triplinervia</i>               | Secundária inicial; prefere matas mais abertas e clareiras, onde apresenta boa regeneração natural debaixo de árvores adultas, após roçada; não tolera frio; suporta inundações.                              |